

ALBERTO DA COSTA E SILVA, DEFENSOR DAS CAUSAS JUSTAS E URGENTES.¹

Lilia Moritz Schwarcz²  

Universidade de São Paulo

“Cuide bem de suas neuroses”. Esse foi um dos inúmeros conselhos pessoais que recebi do acadêmico, poeta, ensaísta, memorialista, historiador, africanista, diplomata, “Intelectual do ano” de 2004 (pela União Brasileira de Escritores e *Folha de S. Paulo*), autor premiado pelo Camões em 2014 – Alberto Vasconcellos da Costa e Silva, ou simplesmente Alberto, como gostava de ser chamado.

Nessa ocasião, almoçava com ele no restaurante Villarino, localizado bem em frente à Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, local que outrora fora uma espécie de quartel general da Bossa Nova, e também de Alberto, a despeito de agir e andar por lá como se fosse um mero desconhecido; o que, com certeza, não era. Todos o chamavam pelo primeiro nome – acrescido do dr., que nesse contexto ganhava um sinal de intimidade respeitosa: dr. Alberto. Os funcionários o saudavam na entrada e na saída, assim como empurravam discretamente as cadeiras para que ele pudesse melhor se locomover pelo local, que não é propriamente generoso nos seus espaços internos.

O referido diálogo fora motivado por conta da tarefa, nada banal, de selecionar o prato que iríamos degustar naquele almoço. Alberto, que, como ele ironicamente se autodefinia, foi criado e mimado por mulheres, e assim ganhou um ar de “senhorzinho sem Casa-Grande”, logo escolheu

1 Como escrevi, ao mesmo tempo e no mesmo período, três artigos sobre a obra e a vida de Alberto da Costa e Silva – por ocasião de minha posse na ABL, por conta do Dia da África celebrado no Ministério das Relações Exteriores em Brasília, e ainda este ensaio para a *Afro-Ásia* –, peço desculpas antecipadas por algumas passagens em comum. Cada uma delas, porém, aparece em um contexto diferente, assim como os textos têm objetivos destinatários também diversos.

2 Professora da Universidade de São Paulo e da Universidade de Princeton, membro da Academia Brasileira de Letras.

por nós dois: – “Para ela o frango (que é o que há de melhor), para mim um salmão”, disse ele. Frente a meu espanto, foi logo explicando: – “Minha filha, eu não como nada que voe ou ameace voar”, e arrematou com a conclusão que dá início a esse artigo. “Cuide bem das suas neuroses”.

Pois Alberto da Costa e Silva era assim: sempre ele mesmo, cuidando bem de suas neuroses e protegendo os amigos das próprias, dono de histórias impagáveis retiradas de causos da sua vida, de relatos de família, de episódios envolvendo políticos e personalidades que conheceu, dos documentos que coletou, das obras de arte que escolheu, ou daqueles casos colhidos e selecionados dentre os inúmeros livros que leu ou escreveu.

Alberto nasceu em São Paulo, “por mero acaso” (conforme gostava de brincar), no dia 12 de maio de 1931. Mas permaneceu pouco na cidade. Filho de Creusa Fontenelle de Vasconcellos da Costa e Silva – mulher forte como, aliás, são todas na família –, seria ela que cuidaria de boa parte da educação dos filhos. Seu pai, o poeta Da Costa e Silva (Antônio Francisco da Costa e Silva), foi também presença marcante e paradoxal na vida do filho. Nascido em Amarante, no Piauí, publicou seu primeiro livro, *Sangue*, em 1908. Ele é o autor da letra do Hino do Piauí, em comemoração ao centenário da adesão da então província à independência política do país, a qual se deu apenas em 1823. Nas estrofes em forma de verso, o poeta saudava o “Piauí, terra querida, filha do sol do Equador”; lugar presente no imaginário do filho, que aprendeu a apreciar esse “céu de imortal claridade”, conforme versejava a letra do hino.

Da Costa e Silva pertenceu à Academia Piauiense de Letras, mas não conseguiu entrar para a carreira diplomática. Conta a tradição familiar que a falta de sucesso do pai fora motivada por uma interdição que hoje seria considerada no mínimo suspeita. Nos tempos do barão de Rio Branco não havia concurso para ingressar na carreira, sendo a seleção feita apenas por meio de uma entrevista pessoal. Era, aliás, o próprio José Maria da Silva Paranhos Jr. quem conversava com os candidatos, em geral provenientes de famílias próximas, quando não aparentadas, “bem apessoados” e fluentes em idiomas estrangeiros. Tudo segundo os critérios do barão. Já

Da Costa e Silva, apesar de exímio literato, falhou no critério físico. Foi esse, ao menos, o veredito do barão, segundo história contada e recontada, sempre de forma divertida, por Alberto: “– Olha, o senhor é um homem inteligente, admiro-o como poeta, contudo não vou nomeá-lo porque o senhor é muito feio e não quero gente feia no Itamaraty”, teria afirmado Rio Branco, colocando um ponto final na questão.

Candidatura vetada, o pai de Alberto fez carreira de outras formas. Entre 1931 e 1945, durante os anos de Getúlio Vargas, serviu junto à Presidência da República. E com o novo cargo a família mudaria para o Rio de Janeiro, tendo Alberto passado a primeira infância e a adolescência na então animada capital do país. Foi por lá, aliás, que se socializou com a política, o teatro, a literatura.

Porém, uma estranha doença contraída por Da Costa e Silva mudaria o destino e faria com que os Silva fossem de mudança para o Ceará, onde a mãe contava com maior amparo familiar. Já o poeta, praticamente parou de falar, desligou-se de tudo e se deixou ficar, na mesma poltrona, ausente do mundo dos outros. Já o menino, guardou a imagem desse pai, sempre em casa e com um livro nas mãos. Em certos momentos declamava poesias, em outros apenas folheava lentamente os exemplares. O silêncio era sua melhor versão.

Entrementes, a família voltaria ao Rio e Alberto cursaria o colégio Marista de São José, na Tijuca, para depois se formar em Direito. Já o pai “morria mansa e serenamente, como mansa e serenamente passara os longos anos de exílio de si mesmo”.³ A figura paterna se colaria à memória e à estima de Alberto, que sempre exibia os dotes do pai poeta, capaz de, segundo ele, pôr “em palavras uma lagartixa ou um caramujo como ninguém”.⁴ Entretanto, vítima dessa “enfermidade sem nome”, que lhe tomou quinze longos anos, ele viraria uma “casca vazia”.⁵

3 Alberto da Costa e Silva, *Invenção do desenho*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 57.

4 Costa e Silva, *Invenção do desenho*, p. 78.

5 Costa e Silva, *Invenção do desenho*, p. 57.

Talvez por conta da história da apatia do pai – talvez uma depressão ou um problema neurológico –, Alberto sempre pareceu ter pressa e não aguardar por oportunidade. Tanto que publica, logo em 1957, uma antologia de lendas indígenas,⁶ preparada para o Instituto Nacional do Livro, e trata de reunir em livro os poemas do pai.

Quem sabe, também por conta da sina paterna, e inspirado pelos heróis que lia nas suas obras de cabeceira ou que emprestava da biblioteca, o jovem autor pareceu não estranhar ao tomar conhecimento de que seu rito de passagem para a vida adulta se daria nas clínicas de Campos do Jordão, onde sua alma conheceria a “sonolência e a preguiça”.⁷ Contraíra tuberculose, a doença que mais matava naquele tempo.

Julgou que morreria cedo, como seus mestres românticos ou os personagens de Thomas Mann em *Montanha mágica*. Porém, como nada disso aconteceu, Alberto fez do exílio involuntário um novo recomeço. E, aliás, foi por lá que conheceu sua musa Verinha, que naquela época também se curava do mesmo problema de saúde. Vera Queiroz tinha voz de soprano lírico, mas a doença a afastaria durante algum tempo do canto. Ela seria a companheira de toda vida e inspiraria um livro de poemas de Alberto, chamado *Ao lado de Vera* (1997).⁸ Era também, ela própria, tradutora premiada, tendo ganhado seu Jabuti com o livro *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, amigo pessoal do casal.⁹

Com os pulmões em ordem, Alberto volta ao Rio de Janeiro e se prepara para começar a “vingar o pai”, investindo na carreira diplomática. O aluno se forma pelo Instituto Rio Branco em 1957, e atua como diplomata em Lisboa, Caracas, Washington, Madrid, Roma, Portugal, na Colômbia e no Paraguai, e depois na Nigéria e no Benim (posto cumulativo). Ia, assim, construindo seu mapa interno, profissional e simbólico, particularmente marcado pela experiência como embaixador em países africanos. Por

6 Alberto da Costa e Silva, *Antologia de lendas do índio brasileiro*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1957.

7 Costa e Silva, *Invenção do desenho*, p. 68.

8 Alberto da Costa e Silva, *Ao lado de Vera*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

9 Chinua Achebe, *O mundo se despedaça*, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

sinal, a atuação nesse continente – local, àquelas alturas, pouco disputado pelos demais diplomatas – lhe daria experiência, erudição e sensibilidade suficientes para fazer dele um dos nossos maiores especialistas em África, a qual, sobretudo em sua época, era pouco conhecida, visitada e estudada por brasileiros.

O trajeto pela África começa em 1960, quando Alberto esteve pela primeira vez na Nigéria por ocasião de sua independência. No ano seguinte, passou um mês na Etiópia. Viajou depois para Gana, Togo, Camarões, Angola, Costa do Marfim e o que se chamava Daomé, atual República do Benim. Visitou Senegal, Serra Leoa, Zaire, Gabão, Quênia. Refez itinerários de forma a desembarcar na Libéria e no Sudão. E foi, entre 1979 e 1983, embaixador na Nigéria e na República do Benim, países vizinhos então servidos por apenas uma embaixada brasileira. Viu as duas pontas do Atlântico e compreendeu, conforme escreve ele, porque “os africanos logo se assenhorearam das terras brasileiras, ainda que não tivessem direito à propriedade e nelas trabalhassem como escravizados”.¹⁰

Resultado desse longo convívio são seus livros, todos fundamentais, como: *A enxada e a lança: a África antes dos Portugueses* (1992); *As Relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 a 1ª Guerra Mundial* (1996);¹¹ *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700* (2002); *Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África* (2003); *Imagens da África* (2012) entre tantos outros.¹² A partir deles percebe-se a verdadeira missão diplomática e intelectual de Alberto: mostrar como são muitos os conhecimentos, nações, indivíduos e grupos provenientes daquele continente. A tarefa o forçou a vasculhar não só os arquivos da África Central (com concentração em Angola e nos dois

10 Alberto da Costa e Silva, *O vício da África e outros vícios*, Lisboa: João Sá da Costa, 1989.

11 Alberto da Costa e Silva, *As relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 à 1ª Guerra Mundial*, Luanda/Brasília: Museu Nacional da Escravidão/Instituto Nacional do Patrimônio Cultural/ Ministério da Cultura, 1996.

12 Exceto para localizar citações por mim feitas neste texto, omiti as referências em nota das obras comentadas e devidamente referenciadas alhures neste dossiê em homenagem a Alberto da Costa e Silva.

Congos), mas também, tangencialmente, da África Oriental, além dos da África Ocidental, incluindo-se as terras da Alta Guiné e, com destaque, o golfo da Guiné (Gana, Togo, República do Benim e Nigéria), sua área de concentração.

Sempre preocupado em denunciar o regime de trabalho forçado, essa marca “perversa” de nossa história, Alberto explicou como “a palavra escravidão traz em si, ainda não cicatrizados, os lanhos da iniquidade, da violência, da humilhação e do sadismo. [...] Tão ampla foi sua vigência no espaço e no tempo que hoje todos, na Europa, na Ásia, na África e nas Américas [...], somos descendentes de escravos e de senhores e mercadores de escravos”.¹³

Nosso autor afirmava, todavia, que “toda história tem seu lado de sombra e de sol”, e o pesquisador nunca descurou “da parte clara, dos dias felizes e das horas criativas da vida africana”.¹⁴ Sublinhou, nesse sentido, que os africanos chegaram não só como mão de obra vitimizada (que com certeza foram), mas aportaram com seus próprios protagonismos e lugares epistemológicos. Não promoveram, assim, apenas rebeliões isoladas, mas guerras atlânticas; ações políticas articuladas neste “rio chamado Atlântico”, como ele gostava de definir o espaço cultural e geográfico que o tráfico acabou por criar.¹⁵ Mostrou, à sua maneira, como éramos não só um imenso Portugal – conforme canta Chico Buarque – mas também, e sobretudo, uma imensa África.

Ocupava-se, portanto, e muito amiúde, em destacar a relevância dos povos africanos residentes no Brasil. Aliás, Alberto gostava de recitar de cor os vegetais que teriam vindo nos tumbeiros – o dendê, a malagueta, o quiabo, o maxixe, o jiló, os inhames, várias espécies de banana e de abóbora, os feijões, a melancia. Também destacava como devemos aos povos africanos o cultivo de arroz, o uso do leite de coco, a criação do

13 Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, pp. 9-10.

14 Costa e Silva, *A manilha e o libambo*, p. 10.

15 Alberto da Costa e Silva. *Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

gado. Lembrava, ainda, que vieram junto, nos tumbeiros, as formas de produzir e trabalhar o ferro, as joias em ouro e prata, técnicas desconhecidas de mineração, os trabalhos em osso, marfim e barro, as histórias de feitos ancestrais, as canções de ninar, os brinquedos infantis, os bichos papões da nossa meninice, as festas e danças populares.

As Áfricas reais e afetivas de Alberto estariam presentes nas maneiras como nos expressamos, principalmente a partir do quimbundo, do quicongo, do umbundo e do iorubá. E lá ia ele declinando uma série de palavras que faziam a sua alegria. Os verbos cochichar, cochilar, fungar, xingar e zanzar; os substantivos bagunça, cachaça, caçula, cafuné, camundongo, carimbo, fuxico, fuzarca, lengalenga, quitanda, sunga, tanga; e os adjetivos capenga, dengoso, encabulado e zonzó. E assim vamos.

O historiador diplomata também explicava como essas populações tiveram que ir se reinventando já no Brasil, sendo obrigadas a adotar a identidade prescrita por seus senhores, que procuravam reduzir os diferentes grupos aos portos de onde embarcaram. E assim, para se contrapor, descreveu arquiteturas, registrou esculturas, anotou as cerâmicas, elogiou as pinturas e a tecelagem, assim como os africanos se orgulhavam de saber tocar instrumentos locais como sanzas, olifantes e pangos. Nosso africanista também não se cansava de contar as histórias africanas, passadas de geração em geração, e de declamar seus poemas. E concluía com uma expressão muito sua: “creio que dei boa notícia”.

Alberto via a história a partir de uma janela diferente, e não tinha medo de constranger. E foi assim que ele escreveu *Castro Alves, um poeta sempre jovem*, mostrando que o mais romântico de nossos românticos tinha escravizados a seu lado, mas “nunca lhes perguntou como era a vida do outro lado do oceano”.¹⁶ Dessa forma, e segundo nosso autor, quando a África aparece na poesia de Castro Alves, ela lembra Delacroix, o Marrocos ou a Argélia, onde os personagens abrigam-se sob tendas e montam a camelos.

16 Alberto da Costa e Silva, *Castro Alves, um poeta sempre jovem*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 12.

Francisco Félix de Souza, o Chachá, foi também tema de livro de Alberto. Baiano de origem, e chegado à África em 1788, como comandante da fortaleza de São João Batista de Ajudá, ele se converteu em um poderoso chefe africano e num dos maiores mercadores de escravizados da história. Era conhecido como um comerciante fundado na violência, mas também como o padrinho de vários retornados do Brasil, que se instalaram na costa africana em busca de liberdade e de seu passado.¹⁷

O certo é que o conjunto dos livros de história de Alberto da Costa e Silva mostra o vigor do intelectual que explorou os documentos pregressos das tantas Áfricas que chegaram ao Brasil, descreveu seus costumes, estudou e criticou a escravidão aqui e acolá, analisou as relações circulares entre os dois continentes, bem como suas influências recíprocas. No artigo “O Brasil, o Atlântico e a África no século XIX”, de 1989, arremata: “O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do brasileiro. Com ou sem remorsos, a escravidão é o processo mais longo e mais importante de nossa história”.¹⁸

O diplomata também se destacou por conta da denúncia contínua e inclemente que fez ao racismo e à desigualdade existentes no Brasil. Como demonstra de maneira erudita, e não menos entristecida, a inestimável riqueza humana e cultural africana seria em parte dizimada pelos horrores do sistema escravocrata, que acabou por marcar e estereotipar os povos africanos e condicionar esse “passado presente” da nossa história. Muito precocemente, foi um crítico do colonialismo e do eurocentrismo ocidental. Em *O vício da África e outros vícios*, Alberto se comove quando visita o Museu de Lagos. A instituição lhe pareceu rígida e fria, tudo ao contrário da arquitetura tradicional iorubana, conhecida por suas paredes mais onduladas. Ele então “limpa os olhos de toda uma ideologia de civili-

17 Alberto da Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

18 Alberto da Costa e Silva, “O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX”, *Estudos avançados*, v. 8, n. 21 (1994), pp. 39-40, .

zação” e escreve avesso e “com remorso dessa História com maiúscula, invenção de um método que, em nome de um passado, negou outros passados”. E escreve:

“Não imaginaram eles, ao chegar à África, que sua descoberta do mundo e de um novo tipo de parasitismo internacional era o continuar de um dos destroços do Império Romano [...]. No entanto, a África não era apenas geografia, quando viu europeus pela primeira vez. A história africana não começa com eles – mas, sim, a lenda que criaram – nem se move necessariamente num sentido europeu”.¹⁹

Coerente com essa que era uma obsessão pessoal e profissional, Alberto ensinaria África para as crianças. Em *A África explicada aos meus filhos* (2008), escreve ele com paixão de criança: “A África é um continente enorme. Nela há de tudo: altas montanhas, grandes desertos, florestas que parecem sem fim, grandes extensões de mapas, zonas sempre alagadas”.²⁰ Descreve também os pássaros, o elefante que queria ganhar a civilização quando todos desejavam esquecê-la, e a girafa, tão alta, que um sultão poderia com ela conversar da mais alta janela instalada em seu palácio.

Costa e Silva foi, igualmente, um memorialista de vida toda. No seu primeiro volume de memórias, *Espelho do príncipe* (1994), conhecemos um pouco da infância do menino Alberto, em Sobral – cidade cearense onde morou até os 12 anos de idade. O relato chega até a adolescência, quando, já no Rio de Janeiro, narra os hábitos da casa, a escola onde fez amigos de toda a vida, registra as repercussões da Segunda Guerra Mundial, faz anotações sobre o Brasil da Revolução de 1930, assim como lista as características desse mundo que passava a desfrutar, na então capital do país.²¹

Mais de dez anos depois, em 2007, publica um segundo volume de memórias. O novo título – *Invenção de desenho* – é quase uma brincadeira acerca do gosto por “garatujas” que herdou do pai. Conta ele que nunca quis

19 Costa e Silva, *O vício da África*, p. 4.

20 Costa e Silva, *A África explicada aos meus filhos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.11.

21 Alberto da Costa e Silva, *Espelho do príncipe*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

tomar aulas de desenho, e sempre se mostrou inapto para “tal invenção”. Por isso achava que qualquer desenho seu, no fundo, não passava de uma cópia inspirada por outra mão. Esse, aliás, é o truque do memorialista, que faz do gênero uma “prática dos outros”, onde o próprio “eu” se revela, mas de maneira acanhada e de certa fora inesperada. Por suas páginas desfilam intelectuais como Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Josué Montelo, Jorge de Lima, Lygia Fagundes Telles, Alceu Amoroso Lima, personagens e amigos, todos entrevistados ou evocados por nosso autor com a mesma intimidade e afeto.

O memorialista conta, como quem joga conversa fora, acerca de uma série de eventos políticos, todos guardados como se fossem recordações de infância: Getúlio Vargas e seu suicídio, Juscelino Kubitschek e a crise de sua eleição, as revelações de Krushev, sobre os *gulags* soviéticos. Por meio de seus escritos de memória ficamos conhecendo melhor a formação de Alberto: as primeiras leituras de Manuel Querino, Gilberto Freyre e Nina Rodrigues, sua guinada para o materialismo histórico, seu amor súbito por Deus; paixão que passadas duas semanas seria substituída por outras, como Camus, Sartre, Marx do *18 Brumário*, logo Nietzsche e ainda Freud. Isso sem esquecer do cinema, do teatro e dos suplementos literários, que se converteram em verdadeira paixão do jovem adulto.

Alberto publicaria ainda *O quadrado amarelo* (2009), onde analisa telas, livros, poemas e romances, que vai delicadamente entrelaçando. Como diz o autor, seu objetivo é “perseguir um texto no outro, reencontrar nesse autor outros autores”.²² O memorialista virou um colecionador de lembranças afetivas, recheadas por romances eleitos, artistas consagrados ou populares, amigos ou desconhecidos. Escreve ele que “o desígnio de todo grande colecionador é formar uma antologia pessoal do mundo [...] ou do fragmento de mundo que foi lhe dado viver”.²³

22 Alberto da Costa e Silva, *O quadrado amarelo*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 166.

23 Costa e Silva, *O quadrado amarelo*, p. 63.

O historiador e o memorialista guardam o mesmo estilo. Sintético e perfeccionista, Alberto não deixava qualquer palavra, vírgula ou crase fora do lugar. Dono de um estilo límpido, arguto, afiado, ele escrevia como se assobiasse. Por meio dessa escrita que une poesia a narrativa, prosa como se fosse história, e vice-versa, diferentes personagens da nossa narrativa nacional são descritos a partir de marcas pessoais, perdendo a soberba para aparecerem como gente do seu tempo.

O lugar perfeito e a palavra justa são também desafios de Alberto enquanto poeta. São muitos os livros de poesia, mas talvez o mais conhecido, e aquele que ganhou um dos vários Jabutis que o autor recebeu, seja *Poemas reunidos* (2000).²⁴ Poetava Alberto em *As linhas da mão*: “Respiro e vejo. A noite e cada sol vão rompendo de mim a todo o instante, tarde e manhã que são tecido, tempo, chuva e colheita. O céu, repouso e vento”.²⁵

Tive a sorte de conhecer Alberto da Costa e Silva em março de 1996, num almoço que o então presidente Fernando Henrique Cardoso ofereceu em Brasília para o escritor José Saramago, que havia acabado de ganhar o prêmio Camões. Recatada e ainda bastante jovem, fiquei um pouco sem jeito quando notei que meu nome não constava ao lado de meu marido, Luiz Schwarcz, tampouco dos nomes de Saramago e de Pilar del Rio. Contrariada, me dirigi ao lugar indicado, não sem deixar de ler o nome da pessoa que se sentaria a meu lado. Era ninguém menos que Alberto da Costa e Silva, o qual, cuidando do cerimonial, premeditou cuidadosamente a este que foi nosso primeiro encontro.

A partir de então demos início a uma amizade consolidada pela ação do tempo, primeiro mantida por uma animada troca epistolar – ele em Brasília ou no mundo, eu em São Paulo com meus filhos ainda pequenos. Na primeira carta que dele recebi, com um papel caprichado, os tipos da sua famosa máquina de escrever, as correções feitas com a caneta tinteiro – a

24 Alberto da Costa e Silva, *Poemas reunidos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

25 Alberto da Costa e Silva, “Respiro e Vejo” in Alberto da Costa e Silva, *As linhas da mão* (Rio de Janeiro: Difel, 1978), p. 104.

mesma que abre a mensagem e a termina –, ele já começava me provocando acerca dos tantos esquecimentos da historiografia e da memória nacional.

Cito aqui um trecho:

entre 1986 e 1990 eu vivi de novo em Portugal, como embaixador. E não se passava uma só semana sem que eu tivesse em minha sala um brasileiro que tinha vindo visitar a terrinha de seus antepassados. Todos eles chegavam em busca de um morgadio, de um solar, ou de um visconde. E eu, que adoro uma provocação, não deixava de perguntar-lhes se não iam procurar também as pegadas dos ancestrais que tinham ido para o Brasil de tamancos, na parte de trás do convés dos navios.

E esclarecia:

Eu também tenho o meu nobre, que foi a serviço de El Rei para o Maranhão, no primeiro ano do século XVIII. Mas todos os meus outros maiores portugueses eram cristãos-novos ou pobrezinhos, que se refugiaram, no Brasil, do clero, da polícia ou da fome”. E completava em parágrafo mais à frente: “nunca vi retrato de parente negro disposto nas paredes das casas que visitei.

Essa vontade de desafiar, sempre, virou linguagem comum entre nós, testada a partir de nossas muitas reuniões, almoços animados que se desenrolaram em vários projetos e viagens. Compusemos a Comissão d. João (eu a convite de Alberto); uma equipe de trabalho formada por duas pessoas e um tanto secreta para não haver muita discussão e sermos mais ágeis, me dizia ele, usando de seus dotes invejáveis para a diplomacia. De âmbito municipal, ela acabou se convertendo em um sucesso, trazendo a figura do monarca português de volta ao imaginário dos brasileiros, sem renunciar à veia crítica do debate. Produzimos livros, abrimos exposições e, de alguma forma, reposicionamos a figura do monarca português, cuja opção por vir ao Brasil não era resultado de um comportamento abobalhado ou tão somente “fujão”, já que implicou uma saída estratégica e perigosa para a manutenção da coroa, num momento em que muitas monarquias a haviam perdido. Representava também uma maneira de retomar a história por outra ponta, e assim repensar o lado conservador da emancipação brasileira.

A *Revista de História da Biblioteca Nacional* é exemplo do vínculo que Alberto criava entre conhecimento, educação e ativismo.²⁶ A nova publicação pretendia ocupar um espaço – então bastante vago –, veiculando as excelentes pesquisas acadêmicas brasileiras para um público mais amplo e não especializado ou acadêmico. Propunha-se também a apresentar os historiadores como pessoas de carne e osso.

Alberto sempre me disse que “éramos agnósticos” e que eu não deveria lamentar por nada, pois ele não tinha medo de morrer. Seu compromisso era com a vida, tanto que em meio às tantas dificuldades que seu corpo lhe foi impondo – sobretudo a dificuldade da fala, justamente ele que era um grande orador –, deixou escritos inéditos em seu computador. Na verdade, ele tinha dois: um para seus futuros livros, outro para os e-mails que jamais deixava sem resposta. Dentre esses arquivos estão o que seria seu último livro de memórias, alguns poemas e crônicas, e uma nova coletânea de documentos africanos.

Não há como resumir uma obra de vida toda, feita de tantos livros, traduções, memórias, coletâneas, antologias, poemas, trocas intelectuais, políticas e afetivas. Impressiona que, como ele revela em seu ensaio “Lembranças de Lagos”, Alberto nunca colecionou diários íntimos, guardou tudo na memória, único recurso, segundo ele, para garantir a permanência. Também não há como sintetizar o papel e o ativismo discreto e charmoso de Alberto.²⁷ Era impossível discutir com ele, que concordava discordando. Talvez por isso ele sempre me aconselhou, com seu jeito a um só tempo sábio e divertido: “Minha filha, não queira ter razão”.

O legado dele é, pois, a boa diplomacia, feita do diálogo e da luta intransigente pelos direitos de populações que ficaram anos sem direitos mais básicos: educação, saúde, segurança e memória – direitos republi-

26 Faziam parte do conselho na época, além de Alberto da Costa e Silva e de mim, Ricardo Benzaquen de Araújo, Laura de Mello e Souza, Caio Boschi, José Murilo de Carvalho, João Reis, Luciano Figueiredo, Nelson Pereira dos Santos e Evaldo Cabral de Mello, entre outros.

27 Costa e Silva, “Lembranças de Lagos in Alberto da Costa e Silva, *O quadrado amarelo* (São Paulo: Imprensa Oficial, 2009), pp. 226-229.

canos. Nesse sentido, a obra de Alberto da Costa e Silva se confunde com sua vida, com o embaixador das ideias, o amigo carinhoso, o memorialista sensível, o poeta/filho que ressoava o pai. Quem entrava em seu apartamento, no bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro, logo se deparava com sua imagem inscrita nos objetos e artefatos africanos acumulados e espalhados pela sala; nos livros que sabia a localização precisa em sua biblioteca, nos retratos de família e nos quadros de artistas sobre as paredes.

Famoso em seu bairro, no dia do seu último aniversário – ele que não gostava de celebrações – os vizinhos combinaram saírem todos à janela e cantar parabéns para o morador mais ilustre, modesto e discreto daquele edifício. Quando Alberto se recordava do episódio, muitas vezes lhe escapava uma lágrima do canto de seus olhos, sempre vivos e espertos. E agora, quando a saudade bate forte, fico lembrando dos muitos momentos comuns passados naquele local, e imaginando o que ele faria diante das tantas e justas homenagens que vem recebendo. Quem sabe ele desfaria de todas, e sobretudo desta que estou a ponto de terminar.

Grandes intérpretes do Brasil permaneceram boa parte de suas vidas no exterior. Já Alberto da Costa e Silva via seu país de longe, mas voltava sempre para se certificar de tudo; bem de perto. E quando por aqui, inverteu o lado do binóculo, destacou o detalhe, deslocou o tempo, lembrou do estrutural e conferiu a tudo um sabor com jeito, textura e sensibilidade de poesia. Ele era como seus versos: “Um casulo de tempo, o centro e o sopro da cisma do outro ser que de mim fala e que, sonhando o mundo, em mim se acaba”.²⁸

doi: 10.9771/aa.v0i70.65873

28 Costa e Silva, “Soneto” in Alberto da Costa e Silva, *As linhas da mão* (Rio de Janeiro: Difel, 1978) p. 139.